



Existências e resistências: feminismos latino-americanos parte 2

María Camila Ortiz

¡DALE!, PPGICAL / UNILA

Priscila Dorella

¡DALE!, / UFV

Tereza Spyer

¡DALE!, PPGICAL / UNILA

A Revista Epistemologias do Sul, vinculada à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e ao grupo de pesquisa “Epistemologias do Sul: pensamento social e político em/desde/para a América Latina, Caribe, Ásia e África”, traz como principal proposta a divulgação de estudos sobre e/ou desde o pensamento social e político latino-americano, caribenho, africano e asiático. Destacam-se estudos decoloniais, subalternos e pós-coloniais, com toda a sua diversidade e variedade teóricas e metodológicas (REVISTA EPISTEMOLOGIAS DO SUL, 2016).

O atual dossiê é fruto de uma profícua parceria entre a Revista Epistemologias do Sul e o Grupo de Pesquisa Decolonizar a América Latina e seus Espaços (¡DALE!). O ¡DALE! está cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2016 e dedica-se às pesquisas que envolvem a descolonização de imagens, cartografias, paisagens, narrativas e corpos da América Latina e do Caribe, dos movimentos sociais e dos territórios latino-americanos, tendo em vista conceitos e noções do giro decolonial, como, por exemplo, as colonialidades do poder, do ser e do saber (NAME; SPYER; CUNHA, 2019).

Esta é a quinta edição da Revista Epistemologias do Sul em que o ¡DALE! está diretamente envolvido na criação da proposta, desenvolvimento e finalização de uma edição. As anteriores foram: **Giro Decolonial, Parte 1: Artes visuais, arquiteturas e alteridades** (v.3, n. 1, 2019); **Giro Decolonial, Parte 2: Gênero, raça, classe e geopolítica do conhecimento** (v.3, n. 2, 2019), **Corpos e sujeitos na/da modernidade** (v.4, n. 1, 2020) e **Feminismos latino-americanos, ativismos e insurgências, Parte 1** (v.5, n. 2, 2021).

A Parte 1 do dossiê **Feminismos latino-americanos: ativismos e insurgências** (estruturado em duas seções, a primeira composta por cinco entrevistas e a segunda por sete artigos — dois originais e dois traduzidos), embora tenha sido publicada no primeiro semestre de 2022, tratou-se de um número retroativo¹ organizado pelas pesquisadoras integrantes do ¡DALE! a partir de tensionamentos debatidos dentro do próprio grupo, seja nos debates internos para discussão de textos sobre Feminismos Decoloniais, realizados em 2019, seja nos debates sobre Pedagogias Decoloniais e Giro Decolonial – Conceitos e Temas (ambos de 2020) e Estéticas Decoloniais (2021)².

Para pensarmos e produzirmos sobre os feminismos latino-americanos e caribenhos, tanto na **Parte 1** quanto na **Parte 2**, nos valemos principalmente dos questionamentos voltados à produção de/sobre/para mulheres como: onde estão as mulheres, especialmente as mulheres racializadas, no Giro Decolonial? Como raça, gênero, classe e sexualidade se articulam e impactam na dicotomia modernidade/colonialidade? Como pensamos os ativismos, insurgências e manifestações de mulheres no Sul Global fora das construções feministas hegemônicas do Norte? Além disso, focamos nos feminismos que ultrapassam a perspectiva de gênero moderno e incluem os debates e lutas contra o racismo, a heteronormatividade, o capitalismo, o antropocentrismo e outras opressões que impactam as vidas e territórios das mulheres, trazendo as suas próprias categorias, tanto para a práxis política quanto para a produção de epistemologias, especialmente na América Latina e no Caribe.

Importa destacar que o trabalho editorial dos dois volumes do dossiê **Feminismos latino-americanos: ativismos e insurgências** foi realizado por Ananda Vilela, Cynthia Montalbetti, María Camila Ortiz, Mariana Rocha Malheiros, Priscila Dorella e Tereza Spyer. Pela força destas produções, nós editoras não queríamos que os estudos se reduzissem a mais uma análise sobre

¹ Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/228>.

² Disponível em: Feminismos Decoloniais: https://bit.ly/dale2019_2; Pedagogias Decoloniais: http://bit.ly/dale2020_1; Giro Decolonial – Conceitos e Temas: https://bit.ly/dale2020_2 e Estéticas https://bit.ly/dale_2021.





gênero e epistemologias feministas. As produções das mulheres, a partir da interseccionalidade entre raça, classe, sexualidade e gênero, bem como com a elaboração de categorias próprias, possibilitam pensar não só os feminismos no Sul Global, mas também a própria resposta política, econômica, cultural e epistêmica diante do cenário latino-americano e caribenho. E aqui queremos destacar que estas produções, ainda que dialoguem com o Giro Decolonial, são produções autônomas, originais e de uma força política e epistêmica que trazem novas percepções de organização e análise não somente sobre as ciências humanas e sociais, mas também na própria atuação política frente ao avanço neoliberal e neoconservador na nossa região.

Os feminismos têm destacado as desigualdades decorrentes da divisão sexual do trabalho e como elas têm impedido as mulheres de ocupar cargos de poder. Por esta razão parte destas linhas anseiam apresentar algumas reflexões sobre relatos recebidos da experiência emocional e profissional de trabalhar e viver durante os períodos de emergência sanitária. Elas, autoras deste dossiê, multiplicaram esforços para gerar conhecimentos que contribuem para reverter as forças antagônicas dos poderes hegemônicos neste contexto que, por um lado, exacerbou os vazios nas estruturas institucionais, nas políticas sociais e nas políticas de igualdade e, por outro lado:

leveu a mudanças abruptas na economia. A revolução e a brecha digital transformaram uma parte do setor laboral [...]. Inclusive, muitas mulheres que poderiam ter ficado em casa e trabalhado remotamente ou por teletrabalho através de uma plataforma, foram confrontadas com a falta de conectividade e de energia elétrica para aceder à internet, bem como renda disponível limitada para um telefone ou um computador próprio (GIRÓN, 2021, p. 226)³

Assim, no meio do horror e do desastre, estas mulheres ofereceram esperança e resiliência, pois, mesmo desejando e tendo pressa para alcançar uma outra “normalidade”, não temos como saber até onde chegarão as ondas e o que elas irão desenhar.

As interações através das mensagens trocadas durante a construção deste dossiê nos permitiram perceber como as conexões entre os feminismos latino-americanos, a escrita, a arte e as lutas possibilitam intercâmbios genuínos de apoio para construir pontes entre o autoisolamento e a(s) outra(s) dentro de um sistema de incertezas, encarnando nos textos experiências de diversidade que nos permitiram abraçar e conectar nossas corpos em estados de separação física.

Constantes bombardeios de experiências e papéis que nunca pediram ou jamais previram confrontar na casa e no trabalho aumentaram o trabalho não remunerado para estas mulheres⁴, particularmente para aquelas com crianças pequenas e pessoas idosas em casa, triplicando a carga de trabalho e fazendo com que as brechas de gênero preexistentes ampliassem a crise de forma assimétrica. Os relatos de problemas emocionais como estresse, ansiedade, depressão, medo e desgaste emocional ocasionado por perdas pessoais, lutas e diversas restrições para participar de forma ativa nas decisões comunitárias e políticas dos seus povos são as realidades dentro das quais foram escritos esses textos, no meio de uma sociedade que esperava que continuassem com o trabalho acadêmico para satisfazer as métricas externas masculinas e heteropatriarcais.

Estas mulheres assumiram uma postura que consistiu na busca de conexões (des)corporizadas com outres afiançando assim as suas próprias lutas para entrelaçá-las com outras. Práticas de outredade que vêm sendo construídas há um bom tempo e durante a pandemia

3 As traduções do espanhol para o português são da nossa autoria.

4 “Segundo estimativas da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), a forte contração econômica afetou negativamente o emprego aumentando a precariedade das condições de trabalho na região, o que, no caso das mulheres, representa um retrocesso de mais de dez anos em sua participação no mercado de trabalho” (Cepal – Informe Especial Covid-19).

se desenvolveram dentro de uma amálgama de experiências de vulnerabilidade e diversidade transcendendo social e politicamente como forma de resistência.

Apesar dos relatos sobre a carência por um tempo para se recuperar, para lutar, para ler e, ao mesmo tempo, se excluir do mundo, as emoções provocadas pelo afastamento forçado dentro de uma realidade que impôs esfumação dos limites geraram também a necessidade de agir, mais do que nunca, dentro de um pensamento/ação feminista e comunitário que envolvesse (auto)consciente e (auto)reflexivamente as dinâmicas de poder, privilégio e discriminação a nível individual, grupal e social.

Assim, estes textos constroem outros feminismos latino-americanos, com esperança e generosidade. Por esta razão nos detemos e prestamos atenção às suas propostas e narrativas que nos ensinam a partir de espaços/lugares diversos.

Vale ressaltar que quando publicamos o nosso dossiê **Feminismos latino-americanos: ativismos e insurgências — Parte 1**, com entrevistas e artigos relacionados aos estudos decoloniais, ainda estávamos tomadas pela pandemia de Covid-19 (2020-) e suas implicações nefastas para as mulheres da América Latina e do Caribe. O aumento sensível da depressão, do desemprego, da violência doméstica, etc., ficou evidente durante esses últimos anos. Boa parte da imprensa, em diversos países da região, publicizou os inúmeros crimes de feminicídios, bem como as lutas de feministas por justiça.

Tivemos alguns respiros nas redes, como as *lives* da antropóloga argentina Rita Segato (SEGATO, 2021), divulgadas no YouTube, que ajudaram muitas mulheres a compreenderem a relação do patriarcado e do neoliberalismo com a violência de gênero. O podcast brasileiro Praia dos Ossos, narrado pela jornalista Branca Vianna (VIANNA, 2020), sobre o assassinato de Ângela Diniz pelo namorado Doca Street, ocorrido em 1976, possibilitou vermos os limites históricos da justiça para as mulheres. E o discurso da indígena de origem mapuche, Elisa Loncón (LONCÓN, 2021), como presidenta da constituinte chilena, expressou, de forma avassaladora, a necessidade de incluirmos na vida política democrática da América Latina o debate sobre raça e gênero. A poesia de Conceição Evaristo dizia, então, que era tempo de nos aquilombar, “de cuidar dos nossos passos assuntando as vias” (EVARISTO, 2020).

Agora, algumas vias se abriram. Estamos saindo da pandemia, apesar de seguirmos em luto pela morte de milhões de pessoas e termos que lidar com uma desigualdade social e de gênero bastante acentuada. Temos daqui para frente a possibilidade de ver transformações e de recriar as nossas vidas após um processo incrível de sofrimento. Mas também de fortalecimento dos feminismos como uma experiência de liberdade em relação aos padrões ideológicos naturalizados, geradores de perseguições, preconceitos e prisões de todo tipo. Ainda assim, é importante reconhecer que recriar, como afirma Ivone Gebara, não é algo simples, é conflituoso e ambivalente (GEBARA, 2022). Somos capazes de recriar novas prisões sem sermos diferentes, inventar palavras que não mudam a realidade e renovar suplícios que não colaboram com a justiça. Recriar requer reconhecer a dinâmica da vida em nós, que nos transforma e exige que novas histórias sejam contadas para manter aceso o desejo radical por mudanças sociais. Para tanto, como ensina Catherine Walsh, é preciso ir aprendendo a desaprender e voltar a aprender – *volver a existir - de un modo muy otro* (ORTEGA-CAICEDO; LANG, 2020).

Nesse sentido, estamos imersas em um movimento que se atreve a fazer perguntas sobre diversos temas a partir dos feminismos e procurando transportar essas perguntas para os nossos espaços e corpos a fim de construirmos algo que contribua para mover certas estruturas sociais estabelecidas. Não há uma maneira de fazer isso, e sim muitas maneiras.





Um dos exemplos mais impactantes e recentes que podemos ressaltar, em 2022, é a eleição de Francia Márquez como Vice-Presidenta da Colômbia. A sua bandeira eleitoral foi *Vivir Sabroso*, que mais do que viver melhor, expressa a necessidade de viver sem medo, viver em paz e com dignidade após tantos conflitos armados. A eleição de uma mulher negra, mãe solo, advogada e ambientalista, que conquistou um protagonismo político mobilizando diversos feminismos em um país conservador, violento e racista representa uma Colômbia excluída dos espaços de poder. Quando ganhou o Goldman Environmental Prize, em 2018, pelo seu ativismo em defesa de sua comunidade La Toma, Francia Marquez disse diante de um público emocionado que a escutava:

Soy parte de un proceso, de una historia de lucha y resistencia que empecé con mis ancestros traídos en condiciones de esclavitud. Soy parte de la lucha frente al racismo estructural. Soy parte de quienes luchan por seguir pariendo la libertad y la justicia. De quienes conservan la esperanza por un mejor vivir. De aquellas mujeres que usan el amor maternal para cuidar su territorio como espacio de vida. De quienes alzan la voz para parar la destrucción de los ríos, de los bosques y los páramos. De aquellos que sueñan que algún día los seres humanos vamos a acabar con el modelo económico de muerte para darnos paso a construir un modelo económico que garantice la vida. Ustedes pueden quedarse tranquilos mientras el planeta, la casa común, se destruye. O podemos juntarnos para realizar acciones que frenen el cambio climático. Es hora de actuar. Enfriar el planeta es nuestra responsabilidad (MÁRQUEZ, 2018).

Esse feminismo vem sendo capaz de mobilizar a esperança ao tentar criar um poder disruptivo, não apenas para as colombianas, mas para muitas latino-americanas caribenhas que lutam pela igualdade e justiça contra uma democracia representativa governada majoritariamente por homens brancos, que não foram capazes de reconhecer nem mesmo os direitos fundamentais expressos na constituição, como o direito de cuidar da vida. Isso é vivido de forma muito clara no Brasil de Bolsonaro, na Nicarágua de Daniel Ortega e no Equador de Guillermo Lasso.

Felizmente, esse dossiê **Feminismos latino-americanos: ativismos e insurgências — Parte 2** - é especialmente permeado por debates sobre a importância de feminismos negros e indígenas com suas estratégias para enfrentar e superar opressões. Nenhuma de nós três que está escrevendo esta apresentação é negra ou indígena, mas todas nós conseguimos ver como é possível educar a nós mesmas para reconhecer a importância de outras lutas em nossas vidas. Muito já se falou sobre como o sistema neoliberal deseja o nosso cansaço, estreita os nossos sonhos e corrompe os nossos caminhos a partir do individualismo, da competitividade e da degradação ambiental excessiva. Mas é preciso dizer como os feminismos vêm transformando a nossa sensibilidade com novas histórias para sermos capazes de viver linhas não vividas do nosso ser.

Desse modo, este dossiê também foi pensado como um espaço para as perspectivas feministas insurgentes, indígenas, afros, comunitárias etc., que colaboram de forma coletiva para construir um entendimento capaz de potencializar as necessidades, iniciativas, problemáticas e conhecimentos da diversidade de mulheres latino-americanas e caribenhas. A especificidade dos feminismos contra-hegemônicos se deve a uma articulação única entre teoria e prática, onde formas de ação e ativismo fazem parte de uma luta global que vai muito além de questionar somente o patriarcado.

Em termos de organização este dossiê está estruturado em três seções, a primeira composta por duas entrevistas, a segunda por onze artigos (nove originais e dois traduzidos) e a terceira por uma resenha. As três seções estão permeadas por alguns temas-chave caros às editoras desse dossiê, como as ontologias e as epistemologias afroindígenas; os movimentos feministas

contra-hegemônicos e as lutas antiracistas, antipatriarcais, antihomofóbicas, antifundamentalistas e antigordofóbicas e produções artísticas de resistência e re-existências.

Abrimos o nosso dossiê com a seção **Entrevistas**, com o texto “**Entrevistando Nancy Cardoso: a partir da teologia feminista latino-americana saber-de-si e saber-do-lugar para acuerpar-se**”. A entrevista com a teóloga brasileira Nancy Cardoso Pereira foi realizada por Mariana Rocha Malheiros, Pâmela Cervelin Grassi e Paula Cervelin Grassi e teve como objetivo aproximar a teologia feminista latino-americana das demais produções feministas realizadas por mulheres na América Latina, dialogando, principalmente, com as críticas ao racismo, heteronormatividade e colonialismo. As questões foram organizadas dentro de temas que interseccionam as categorias “feminismo”, “cristianismo”, “América Latina”, “educação popular” e “lutas populares”, pensando no atual contexto latino-americano de avanços fundamentalistas na economia, política e religião. Cinco temas centrais são abordados nas questões: vida, trabalho e debate feminista realizado por Nancy Cardoso no espaço eclesial; elementos da teologia feminista na América Latina; movimentos e lutas feministas dentro dos espaços eclesiais cristãos; fundamentalismos na América Latina e perspectivas à teologia feminista latino-americana no atual cenário. A entrevistada nos desafia a olhar com criticidade e indignação as opressões que tocam os corpos das mulheres, especialmente às mulheres religiosas, contudo, nos convida à esperança que move nossas práticas, construída a partir do saber-de-si e saber-do-lugar para *acuerpar-se*.

A segunda entrevista, intitulada “**A intuição como método: conversa com Lucrecia Mason Córdoba**” foi realizada por Susana Torres Martínez. A entrevistada, Lucrecia Mason, é uma importante referência dentro do Ativismo Gordo em Abya Yala que com muita luta e resistência ganhou espaço nos últimos dez anos. Nesta entrevista, Mason nos faz refletir sobre a violência gordofóbica e as críticas às ideias hegemônicas de saúde, capacitismo e desejabilidade que violam corporalidades fora do padrão estabelecido. A pesquisadora e ativista tem se dedicado nos últimos anos a pensar a gordura como algo politizável a partir de uma perspectiva decolonial. Além disso, tem trabalhado a questão das corporalidades que habitam esta região com o intuito de repensar fora da lógica da colonialidade, modernidade e do projeto de corpo do ocidente, o que permitirá a possibilidade de viver de outra perspectiva que não a de quem nos colonizou.

Abrimos a seção **Artigos** com um texto escrito por Cynthia Montalbetti “**Corpas Gordas de Abya Yala: Colonialidade, Racismo e Gordofobia**” que, em estreita vinculação com os principais temas tratados por Mason na seção anterior, tem o objetivo de apontar os corpos gordos de Abya Yala como uma aversão ao projeto de corpo civilizador, que se sustenta na colonialidade, a qual se estabeleceu com o propósito de negar, categorizar as pessoas, retirar toda ou parte de sua humanidade e colocá-las sob a lógica capitalista, patriarcal e racista. Da mesma forma, a autora nos leva a compreender como a construção da europeização do corpo magro foi naturalizada como universal e a única possível de habitar, relacionando a gordura como marca inerente ao racismo e à mulher. Além disso, traz um panorama histórico e discursivo da patologização da gordura, que promove e sustenta a violência gordofóbica sob o imperativo da saúde. E, como último ponto, capta de forma sucinta a trajetória do Ativismo Gordo para compreender sua luta e demandas.

Mayara Mychella Sena Araújo, em “**Contando minha história: Uma Descoberta Enquanto Mulher Negra, Acadêmica E Ancestral...**”, procura tratar em seu texto das inúmeras realidades que atravessam a construção, conhecimento e reconhecimento do ser negra. Neste ensaio a autora pretende construir uma narrativa em torno de sua descoberta enquanto mulher negra, processo iniciado no ingresso da docência no ensino superior de uma universidade pública, atravessado pela ancestralidade/espiritualidade ligadas à Umbanda e ratificado com o acesso



e leitura de uma literatura de autoras negras. Este processo, narrado a partir do que chama de atos (como nas divisões de uma peça ou texto teatral) que formam esta narrativa, permite uma reconciliação consigo mesma. No primeiro ato, descreve o processo inicial de se descobrir uma mulher negra, que a ancestralidade convocou para o trabalho. No segundo ato, narra seu encontro com a Umbanda e com a espiritualidade a partir da religião. No terceiro ato, reconhece em si a espiritualidade que a move e que a forma não só como mulher negra, mas como acadêmica negra e ancestral. Por fim, finaliza esta narrativa no quarto ato reconhecendo em si as inquietações, despertares e aceitações que não terminam com este texto.

Ariana Mara da Silva e Dayane Nayara Conceição de Assis (Nzinga Mbandi), no artigo **“Amefricanas e Atlântica: notas decoloniais sobre a gênese do pensamento feminista negro brasileiro”**, procuram apresentar as principais categorias de análise presentes no pensamento intelectual de Beatriz Nascimento e de Lélia Gonzalez e sua relação com os aportes teóricos da decolonialidade. Para tal, utilizam a formação do movimento feminista negro localizado no tempo e na história para explicar as bases conceituais do pensamento intelectual negro, enquanto tentativa de evidenciar o constante diálogo entre o ativismo e a formação intelectual das autoras. Buscam, ainda, demonstrar como as categorias e conceitos propostos por Nascimento e Gonzalez se relacionam com a realidade vivida pelas mulheres negras no momento em que elas consolidam a construção de seu pensamento e são ainda hoje adequadas para descrever a situação da população negra no Brasil hoje.

Ananda Vilela, em **“Por que não há teoria feminista negra nas Relações Internacionais?”**, reflete sobre o processo de negação de humanidade e de subjetividade de mulheres negras, repetidamente excluídas da produção de conhecimento, do acesso à universidade e da capacidade de ser e estar no mundo enquanto sujeitas do próprio conhecimento, sujeitas cognoscentes. No que tange às Relações Internacionais, esse cenário não é diferente, e ainda mais opressor devido às dinâmicas elitistas que o próprio curso, programas e departamentos imprimem em seus estudantes. Nesse cenário, este artigo chama atenção para as particularidades da mulher negra enquanto sujeita do próprio saber e história, trazendo o feminismo negro como teoria política que possibilita a análise de epistemicídios construídos a partir da negação de conhecimentos afrodiaspóricos e silenciamento de mulheres negras na esfera acadêmica. Dessa forma, o objetivo, além de ampliar o debate nas produções acadêmicas em RI, é debater a necessidade de articulação epistemológica das categorias de gênero e raça na disciplina. Entendendo o pessoal como político e, portanto, internacional, é necessário compreender como mulheres negras estão colocadas nesse internacional, teorizado a partir de abordagens brancas e/ou masculinas.

No artigo **“Interloquções entre a filosofia Bantu-Kongo e a prática do Bem Viver: as mulheres negras e o processo de cuidado através do Bem Viver”**, Beatriz Rosa Moreira defende que pensar a partir de uma perspectiva decolonial mostra-se uma ferramenta possível para a emancipação dos povos não hegemônicos, uma vez que a contribuição destes povos passa a integrar o ambiente científico, e com isso, proporciona a visibilidade de culturas, tradições e contextos sociais que se distanciam da universalidade europeia. A autora observa o desserviço que as ciências humanas e a área da saúde realizam legitimando teorias racistas e excludentes, e ao ter acesso a autoras(es) que nos provocam através de denúncias à colonialidade, é possível trilhar novas perspectivas no horizonte de pesquisa. Tendo em conta que o colonialismo estabeleceu-se na América Latina e Caribe com dinâmicas de poder e controle por meio da dominação do corpo, mente e natureza, Moreira trata da dominação que atingiu povos originários e a população negra conduzindo pessoas a estados de extermínio, subordinação e retirada de humanidade através da ideia de “progresso” humano/temporal/cultural, no intuito de estabelecer um processo de apagamento de valores civilizatórios africanos que garantem a sobrevivência e

o bem viver de mulheres negras nas Américas. Assim, com esse texto objetiva estabelecer um diálogo entre as epistemologias africanas e a prática do bem viver no processo de cuidado com mulheres negras na América Latina e no Caribe, através de reflexões que permeiam a filosofia Bantu-Kongo, a ideia de desenvolvimento, a prática do bem viver e as concepções de gênero em contextos não hegemônicos.

Mariana Rocha Malheiros, em **“Despatriarcalização do bem-viver: caminhos a partir dos movimentos feministas contra-hegemônicos na Bolívia”** busca investigar parte da concepção de despatriarcalização da categoria “Bem-Viver” protagonizada pelos movimentos feministas na Bolívia. Primeiramente a autora questiona a necessidade de despatriarcalizar esta alternativa, tendo em vista que não se trata de uma produção ocidental, mas de cosmovisões que vêm dos povos indígenas e afrolatinos, trazendo um diálogo entre produções que abordam o Bem-Viver como alternativa ao modelo de desenvolvimento ocidental e o Feminismo Decolonial, vinculado aos movimentos feministas contra-hegemônicos, especialmente indígenas, afrolatinos e afrocaribenhos. Na segunda parte, apresenta os elementos que os movimentos feministas contra-hegemônicos na Bolívia organizaram a partir do Plano Nacional para a Igualdade de Oportunidades “Mujeres Construyendo la Nueva Bolivia para Vivir Bien” (PNIOM), analisando, também pelo viés do Feminismo Decolonial, o posicionamento das mulheres para despatriarcalizar o Bem-Viver. Malheiros finaliza o texto concluindo que os Bem-Viveres, em suas diversas formas, precisam ser formados pela metade dos povos, as mulheres, tanto nas cosmovisões, como nas epistemologias e nas práxis de transformação, especialmente para o enfrentamento aos epistemicídios e violências que negam a existência dos (as) outros (as).

Por sua vez, Rafael Tavares Salles, Pedro Paulo Gomes Pereira e Tereza Spyer, no artigo **“Além do meu próprio corpo: adoecimento, corpo e itinerário terapêutico”**, buscam refletir sobre o conceito de itinerários terapêuticos. A pesquisa etnográfica acompanhou as formas de lidar com as enfermidades e os caminhos elegidos em busca de cuidados de imigrantes e refugiados sem-teto na cidade de São Paulo. A investigação permitiu pensar os itinerários terapêuticos não apenas como movimentos que ocorrem nos espaços – por entre serviços de saúde, na busca por médicos ou xamãs, nas ruas de uma cidade –, mas no tempo, por entre histórias e vidas. Nessas trajetórias, a doença e o corpo eram um conjunto de afetos que extrapolam o corpo-próprio. Assim, os itinerários terapêuticos surgem como formas de compreender e experienciar enfermidade e corpo.

Norma Brigette Castañeda Ramírez, em **“Criadoras da memória através da arte: mulheres artistas no contexto do conflito armado da Colômbia”**, ao analisar o contexto pós Acordo de Paz assinado entre o governo colombiano e as FARC-EP, percebe a necessidade da criação de dispositivos de memórias concebidos enquanto componentes que constroem a sociedade e atuam como fiscalizadores a fim de evitar a repetição dos eventos. Desta forma, segundo a autora, várias ações tornaram-se visíveis em prol de um processo de reconhecimento e reivindicação junto às vítimas do conflito armado. Um dos meios para o desenvolvimento dessas ações tem sido a arte. A arte, em sua função mais nobre, tem o papel de mediador na construção da memória e da Paz. Nesse espectro, emergem os coletivos criados por mulheres artistas, que não apenas relatam a guerra, mas o fazem a partir de sua visão como escritoras, cantoras, mães, filhas, irmãs, especialmente mulheres que se apropriam de sua dor e a transformam em projetos de vida e memória. Assim, esse artigo procura evidenciar o trabalho realizado por essas mulheres criadoras e a importância do mesmo para pensar um país em paz, a partir da própria paz, observando a relação entre arte, memória e mulheres através do trabalho de mulheres artistas, acadêmicas e vítimas da guerra.





O artigo - **Totó la Momposina: Por uma música de identidade**, de Priscila Dorella, busca tanto apresentar parte da trajetória da colombiana Totó la Momposina (1940-) como uma manifestação artística e política das culturas tradicionais da costa caribenha quanto compreender a sua relação com a *world music*. Já no texto **“Os festivais latino-americanos de cinema de mulheres: o caso do Equis Festival de Cinema feminista do Equador”**, de María Camila Ortiz e Tereza Spyer, pretende-se pensar os festivais latino-americanos de cinema de mulheres ou de cinema feminino como espaços de coletividade geradores de encontros e re-existências do cinema feminista, articulando essa discussão aos *Films Festival Studies* e aos feminismos em perspectiva decolonial a partir da História Oral.

Fechando esta seção apresentamos dois artigos traduzidos, o primeiro do espanhol para o português e o segundo do português para o espanhol. O ensaio **“Podemos nós, xs gordxs, falar? Ativismo, imaginação e resistência a partir das geografias desobedientes da carne”**, de Nicolás Cuello, traduzido por Sigrid Beatriz Varanis Ortega, faz parte do livro *“Cuerpos Sin Patronos: Resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne”* publicado em 2016 na Argentina, organizado pelo(a) ativista y pesquisador(a) Cuello e Laura Contrera. No referido ensaio Cuello mostra como o corpo gordo latino-americano ocupa um lugar no debate neoliberal nas visualidades, nos espaços sociais e nas subjetividades políticas. Além disso, nos convida a entender o corpo gordo desde suas especificidades geográficas e como nossa autopercepção está construída pela estigmatização, pela vergonha e pela patologização a partir do modelo hegemônico médico. Indo além de uma visão liberal do “amor próprio”, este autor apresenta o ativismo gordo que pensa a estrutura social e as interseccionalidades desde suas complexidades. Já o texto **“A categoria político-cultural de amefricanidade”**, de Lélia Gonzalez, foi traduzido por María Camila Ortiz. Este texto apresenta a categoria político-cultural de *amefricanidade*. Nele, a ativista e intelectual negra Lélia Gonzalez discorre sobre o potencial epistemológico dessa categoria através do enfoque da formação histórico-cultural do Brasil.

Finalmente, encerrando o segundo dossiê, temos, na seção **Resenha**, o texto de Tathiana Cassiano, **“A invenção das mulheres”**: o debate sobre colonialismo e gênero na obra de **Oyèrónké Oyèwùmí**. Para esta resenha, Cassiano analisou a primeira edição em português do importante livro da cientista política e socióloga nigeriana de origem iorubá intitulado “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”. Esta obra foi traduzida pelo filósofo Wanderson Flor do Nascimento e publicada em 2021 pela Editora Bazar do Tempo.

Referências

CEPAL. La autonomía económica de las mujeres en la recuperación sostenible y con igualdad. **Informe Especial COVID-19** n° 9, 2021.

EVARISTO, C. Tempo de nos aquilombar. **Poemas & Poesias**, 07/01/2020. Disponível em: www.xapuri.info/tempo-de-nos-aquilombar/ Acesso: 22/08/2022

GIRÓN, A. Pandemia, reproducción social y violencia. In: **Economía de la vida. Feminismo, reproducción social y financiarización**. Ciudad de México: UNAM-Clacso, p. 223-227, 2021.

LIVRARIA GATO SEM RABO. Live: **Esperança feminista**, de Debora Diniz e Ivone Gebara, 2022. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=_XqNI7r_OcM Acesso: 22/08/2022

NAME, L.; SPYER, T.; CUNHA, G. R. da. **Editorial**. Revista Epistemologias do Sul: vol. 03, n. 01, 2019. Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2431/2169> Acesso em 24/08/2022.

ORTEGA-CAICEDO, A.; LANG, M. **Gritos, grietas y siembras de nuestros territorios del sur: Catherine Walsh y el pensamiento crítico-decolonial en América Latina**. Quito: UASB, 2020.

PUEDJS UNAM. **Sesión 6: Rita Segato, feminismo y democracia**. México, 2021. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=odVP6HbhvQg Acesso em: 22/08/2022.

SALAS, B. Texto y video completos del discurso de Elisa Loncón, luego de ser elegida Presidenta de la Convención Constituyente. **PiensaChile**, 2021. Disponível em: www.piensachile.com/2021/07/05/texto-y-video-completos-del-discurso-de-elisa-loncon-luego-de-ser-elegida-presidenta-de-la-convencion-constituyente/ Acesso em: 23/08/2022.

SEGATO, R. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

THE GOLDMAN ENVIRONMENTAL PRIZE. **Francia Márquez**. San Francisco, 2018. Disponível em: www.goldmanprize.org/recipient/francia-marquez/ Acesso em: 22/08/2022

VIANNA, B. **Praia dos Ossos**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: www.radionovelo.com.br/praiadosossos/ Acesso em: 22/08/2022.

REVISTA EPISTEMOLOGIAS DO SUL. **Sobre a Revista**. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2016. Disponível em <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/about> Acesso em: 24/08/2022.

